

# RESISTÊNCIA E DISCURSO DO/SOBRE O CORPO TRANS

**André Cavalcante<sup>1</sup>**

**Orientadora: Vanise Medeiros**

**Doutorando**

**RESUMO:** Recentemente temos visto um *boom* de discussões acerca de identidade de gênero que abrem espaço para pensar as pessoas trans, sujeitos que não se identificam com o gênero o qual foram designados ao nascer. Dentro dessas discursivizações, observa-se que ainda há muito o que avançar uma vez que o Brasil é o país onde mais morrem sujeitos da população t, mas é, contraditoriamente, o lugar onde eles são mais fetichizados, esse fato é comprovado pelo número de buscas de materiais pornográficos desses sujeitos na rede. Além disso, existe também uma quantidade de políticos contrários aos direitos LGBTs e discursos conservadores em torno desses sujeitos na rede, tentando silenciar e deslegitimar a luta dessas pessoas. Portanto, este trabalho visa compreender melhor os discursos do/sobre transexuais, travestis e transgêneros, apresentando a minha proposta inicial de tese que tem como objetivos: a) analisar quais sentidos estão se sedimentando sobre esses corpos e como a mídia, produzindo o discurso sobre, favorece a cristalização de um imaginário sobre esses sujeitos; b) compreender a relação entre o corpo social e o corpo biológico nesses discursos e, c) observar como ocorrem as resistências nesses discursos e sua relação com a corporeidade e se elas podem representar uma fragmentação na forma-sujeito-capitalista. Para tanto, filio-me a Análise do Discurso de linha francesa, na qual o corpo é “o lugar material em que acontece a significação, lugar de inscrição, manifestação do grafismo. Pintura. Texto.” (ORLANDI, 2004, p. 121). Nessa teoria, ao pensar o corpo sob três pontos de vista, como lugar de observação do sujeito, objeto de investigação e ferramenta, categoria teórica, observa-se que a linguagem é constitutiva do sujeito, do corpo e do discurso. (FERREIRA, 2015) Dessa maneira, a resistência pode ser produzida no próprio corpo dos sujeitos a se identificarem como sujeitos-trans

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo, Sujeito-trans, Resistência.

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem pela UFF. Contato: acbs.cavalcante@gmail.com

---

a construção analítica de cisgeneridade – um processo discursivamente resistente – é fundamentada sobre a **percepção** de que conceitos sobre corpos e identidades de gênero são constituídos (não **somente**, mas necessariamente) a partir de distintos contextos socioculturais – contextos ainda múltiplos, apesar dos projetos, esforços e dispositivos coloniais eugenistas e etnoculturocidas –, e assim esta construção analítica deve ser maleável e abrangente o suficiente para enfrentar criticamente toda epistemologia, metodologia e proposta política+sociocultural colonialista. Em outras palavras, trata-se de uma luta “contra os efeitos de poder de um discurso considerado científico” (FOUCAULT, 1996, 19) (tradução nossa), de uma subversão de identidades – no caso, uma identidade de gênero cisgênera e idealizada através de conceitos como ‘biológico’ e ‘natural’ – para produzir uma leitura crítica sobre a construção normativa das identidades de gênero corporificadas como algo a ser derivado (através de distintos dispositivos de poder) de um sistema ‘sexo/gênero’ que tem sua normalidade produzida através da naturalização da pré-discursividade, binariedade e permanência para os corpos e identidades de gênero. (VERGUEIRO, 2016, p. 45)

Ao iniciar este texto citando um excerto da dissertação de Viviane Vergueiro, na qual objetiva, através da autoetnografia, analisar como é construída a cisgeneridade como a norma social, pretendo trazer à baila, como as identidades de gênero, objetos paradoxais, são construídas discursivamente. Pois, assim como afirma a autora, corpos e identidades são constituídos em distintos contextos socioculturais e que apesar de serem formadas sob a égide de dispositivos coloniais eugenistas e “etnoculturocidas”, devem ser maleáveis, indo de encontro à visão colonialista, subvertendo a construção normativa cisgênera de um c/sistema sexo/gênero normatizados pela binariedade. Junto a Vergueiro e a outros pesquisadores que estão se voltando aos estudos acerca do gênero e da sexualidade, que este trabalho encontra eco e objetiva refletir sobre o a resistência e o discurso do/sobre o corpo trans. Contudo, mesmo que hoje possamos afirmar que há um *boom* de discussões acerca de identidade de gênero que abrem espaço para pensar as pessoas trans, sujeitos que não se identificam com o gênero o qual foram designados ao nascer. Nessas discussões, observa-se que ainda há muito o que avançar uma vez que o Brasil é o país onde mais morrem pessoas da população t (travestis e transexuais), mas é, contraditoriamente, o lugar onde eles são mais fetichizados, esse fato é comprovado pelo número de buscas de materiais pornográficos sobre esses corpos na rede. Além disso, existe também uma quantidade de políticos contrários aos direitos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans) e discursos conservadores em torno desses sujeitos, tentando silenciar e deslegitimar a luta dessas pessoas. Que sujeitos são esses? Como esses

---

corpos produzem sentidos outros? Identidades abjetas, termos “novos”, confusão nas nomenclaturas, sentidos à deriva. Uma vez que os sentidos podem ser produzidos a partir da designação, designar as diversas identidades de gênero e orientações sexuais, é dá-las existência no mundo material. Antes de prosseguirmos, trago novamente Vergueiro para explicar alguns termos utilizados nesse trabalho

'cis', prefixo latino oposto ao prefixo 'trans', refere-se a 'não trans' quando pensamos identidades de gênero. Uma 'pessoa cis' é, assim, simplesmente uma 'pessoa não trans', para os efeitos desta análise. Cissexismo, por sua vez, se refere a uma miríade de discursos institucionais e sociais, de cunho supremacista e discriminatório, que inferiorizam identidades de gênero trans\*, ou 'não cis'.]. (VERGUEIRO, 2016, p. 162)

Ser cisgênero ou transgênero são formas diferentes de subjetivação. Tornar-se, sujeito, portanto, como aponta a AD, é ser interpelado pela Ideologia, as relações imaginárias dos sujeitos com suas reais relações de produção. (ALTHUSSER, 1995). Para tanto, essa interpelação perpassa a linguagem, o corpo, “morada do sujeito” pelo filtro das formações imaginárias. Nesse sentido, ser cis é identificar-se com o gênero ao qual se foi designado ao nascer, enquanto ser trans é não identificar-se com aqueles sentidos e imagem sobre o corpo o qual o indivíduo foi lido a partir de seu nascimento. Nessa seara, é que há o cissexismo como uma prática conservadora, categórica, que deslegitima e inferioriza as identidades não cis, como se as identidades, os sujeitos e seus corpos fizessem parte do universo logicamente estabilizados. (PÊCHEUX, [1983] 2015) Uma vez que apresentei brevemente a temática, dou a saber que este trabalho visa mostrar o percurso inicial da minha pesquisa de doutoramento, objetivando compreender como são produzidos os sentidos do/sobre o corpo trans e travesti no espaço virtual. E, especificamente:

- Analisar quais sentidos estão se sedimentando sobre esses corpos e como a mídia, produzindo o *discurso sobre*, favorece a cristalização de um imaginário sobre esses sujeitos;
- Compreender a relação entre o corpo social e o corpo biológico nesses discursos e,
- Observar como ocorrem as resistências nesses discursos e sua relação com a corporeidade e se elas podem representar uma fragmentação na forma-sujeito-capitalista.

Tomar o corpo como objeto analítico é retomar, também, estudos de outras áreas. Para citar, por exemplo, a psicanálise, antropologia e sociologia do corpo, estudos feministas, etc.

---

Nesses estudos, Courtine et all, diz que o corpo começou a ser objeto passível de teorização a partir da psicanálise, pois, para Freud, o inconsciente fala através do corpo. Em sua História do corpo, Courtine, nos lembra que “Nosso corpo nos pertence”, gritaram as feministas no início da década de 1970, no movimento de Libertação Feminina, nos Estados Unidos, ao protestar contra as leis que proibiam o aborto. Posteriormente movimentos homossexuais retomaram esse slogan. Para o autor, o discurso e a estrutura estavam ligadas ao poder, enquanto que o corpo estava do lado das categorias oprimidas e marginalizadas, compostas por minorias de classe, raça ou de gênero, que pensavam ter apenas o próprio corpo para se revoltarem contra o discurso do poder, e a linguagem era o instrumento de impor o silêncio aos corpos. Pode a linguagem impor o silêncio? Os corpos produzem sentidos? Teorizo. Como aponta, Orlandi (2012) o silêncio é fundante, espaço de significação, cala uns sentidos para produzir outros. Essa pesquisa, inserida no campo de estudos da linguagem por analisarmos discursos e por encararmos que “o homem não é o produto do corpo, produz ele mesmo as qualidades do corpo na interação com os outros e na imersão no campo simbólico” (LE BRETON, 2012, p. 18-19). Dessa forma, o corpo também produz sentidos e a Análise de Discurso poderá ofertar ferramentas teórico-analíticas por discutir a subjetivação, os sentidos, a ideologia e a linguagem.

Esta pesquisa, então, visa contribuir para tal campo de estudos no sentido de que os falantes da língua reflitam sobre a opacidade da linguagem, o papel da Ideologia na produção de sentidos, além de tentar compreender melhor como as identidades de gênero são construídas discursivamente e como os sentidos sobre o corpo trans estão sendo significantizados e como estes produzem resistência.

Sobre a resistência, Pêcheux ([1978] 2009) diz que ela representa as falhas na interpelação ideológica, ocorrendo, então, na/pela língua, através das “quebras de rituais”, pelo “questionamento de uma ordem”. (PÊCHEUX, 1990, p.17) Portanto, é a partir dela que é possível “ousar se revoltar” e “ousar pensar por si mesmo” (PÊCHEUX, 2009 [1978], p. 281). Vale ressaltar que na corrente teórica na qual este trabalho se inscreve, “a falha, a fissura, o deslizamento não são índices negativos, são lugar de resistência, lugar do impossível (nem tão impossível) e do não-sentido (que faz sentido)”. (FERREIRA, 2000, p. 24) A resistência pode se materializar no corpo, e também, nos sentidos do/sobre o corpo. Este é “o lugar material em que acontece a significação, lugar de inscrição, manifestação do grafismo. Pintura. Texto.” (ORLANDI, 2004, p. 121). Dessa maneira, “os homens, sendo seres simbólicos e históricos, os textualizam pela maneira mesma como nele se deslocam, se inscrevem,

investidos de sentidos. Corpos com suas materialidades significantes.” (*op. cit.* p.123). Portanto, são produzidos sentidos sobre o corpo, no entanto, ele já produz sentidos por si só. É nesse sentido que Barbai (2015, p. 211) diz: “a materialidade do corpo não é sua unidade imaginária da qual já se tentou fazer uma história de mentalidades. O que nos dá corpo é a linguagem. Assim, o que faz o destino do ser humano não é a anatomia, mas o discurso”.

Nessa seara, Ferreira (2015) propõe que se avalie o corpo, na perspectiva discursiva, sob três pontos de vista, como lugar de observação do sujeito, objeto de investigação e ferramenta, categoria teórica. E, para ratificar a importância do estudo dessa noção na AD, a mesma autora (*op. cit.* p. 15) afirma que “o corpo não só como lugar onde o sujeito habita, mas o corpo, como sendo o próprio sujeito. E nessa relação a linguagem entra como constitutiva do sujeito, do corpo e do discurso.” Apresento duas sequências discursivas, ainda em análise, que constituem o corpus dessa pesquisa e indicam como os discursos sobre a transgeneridade perpassa a noção de corpo.

SD1



Imagem 1. Retirado do facebook.

SD2



Imagem 2. Retirada do Facebook.

Nessas sequências discursivas, observa-se que a transição é uma palavra-chave para as pessoas trans. É um momento em que, como a palavra indica, se passa de um lugar ou estado para outro. Pela posição da imagem de SD1, não se deixa de ser uma pessoa para ser outra. Houve um movimento na História, o sujeito passou a olhar-se e ser olhado de outra forma, sentidos outros passaram a ser produzidos no/sobre o corpo. Em contrapartida, como mostra a SD2, em que Tammy brinca com os enunciados “mostrar o saco” e “virar homem” que são produzidas para deslegitimar sua identidade de gênero, ele brinca, e produz uma crítica a visão biologicizante que reduz o gênero ao órgão sexual.

Com Orlandí (2017), pensamos o corpo em sua materialidade simbólica-política, em que os sentidos estão inseridos numa formação social, em condições sócio-históricas. Então, o corpo trans produz sentidos outros, e é por si só resistência. Resistência aos modelos de vigilância e punição (FOUCAULT, 1986) atuais: discursos conservadores, políticos e religiosos ou pela violência física e simbólica, que silenciam e tentam domesticar sujeitos, corpos.

---

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

BARBAI, M. A. O fracasso do intervalo semântico: significante, sentido e corpo. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA e MITTMANN, S. (Orgs.) **Análise do discurso: dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux)**- Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo** - tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. 4ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FERREIRA, M. C. L. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. Discurso: conceito em movimento. In: FERREIRA, M.C.L. **Oficinas de Análise do Discurso: Conceitos em movimento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**; Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 4ª edição. 1986. (Tradução Ligia M. Pondé Vassallo.)

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo** – tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. 6ª edição. Petrópolis, RJ: VOZES, 2012.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

\_\_\_\_\_. Eu, Tu, Ele – Discurso e real da história. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

\_\_\_\_\_. (1975) **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. (1982). **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Trad. brasileira de José Horta Nunes. *Cad. Est. Ling.*, nº 19, Campinas, jul./dez, 1990, p. 7 - 24.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3 ed. Tradução: Eni P. Orlandi et al. Campinas: Pontes, 2002.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação de Mestrado. Salvador, BA: 2015.